



DISCURSO DE POSSE NA PRESIDÊNCIA DO IHGRJ

Lená Medeiros de Menezes¹

Os Editores

A posse da nova diretoria do IHGRJ, para o biênio 2020-2021, ocorreu na Sala CEPHAS, no Edifício do IHGB, em 12 de março de 2020. A presidência foi transferida por Neusa Fernandes a Lená Medeiros de Menezes que, na ocasião, deu posse a toda a diretoria.

Ilma. Dra Neusa Fernandes, presidente do IHGRJ; Ilmo Dr. Victorino Coutinho Chermont de Miranda, presidente do IHGB e nosso confrade; Ilmo Dr. Paulo Knauss, ex-presidente do IHGRJ; Ilma Dra Vera Lúcia Cabana de Queiroz Andrade, segunda secretária do IHGRJ;

Ilmos confrades e congreiras presentes à esta cerimônia;

Amigos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro;

Senhoras e senhores,

Em dezembro do ano que se findou, fomos eleitos com o propósito de administrar os destinos de nosso Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro; tarefa difícil e desafiadora, tendo em vista a realidade de ter que exercer nossa função contando com poucos recursos, que impõe, sem dúvida alguma, dificuldades para romper os grilhões que nos impedem, por vezes, de voar. No entanto, temos exemplos a seguir, e, parodiando Guimarães Rosas, estes exemplos permitirão encontrar o real que se disporá a nós na caminhada. Reverencio, assim, todos os que me sucederam na Presidência dessa Casa, aqui representados por Paulo Knauss e Neusa Fernandes, que fazem com que nós pouco tenhamos a inovar. Com relação, especificamente, a Neusa Fernandes, a quem tenho a honra de imediatamente suceder, e com quem tenho um contato mais estreito, ela lega a todas e a todos nós um norte a seguir e a mim, em particular, seu exemplo de dedicação às causas que abraça, de competência no gerenciar, de reinvenção permanente e, principalmente, de dação a esta instituição.

Coube a ela ventilar, pela primeira vez, meu nome como possível futura Presidente, legando-me “a confiança [enquanto] ato de fé”, lembrando Carlos Drummond de Andrade, que tocou a essência de meu ser e me levou a trair a promessa de não mais assumir qualquer outro cargo administrativo, desde que, pressionada pela aproximação da aposentadoria compulsória, deixei a sub-reitoria de Graduação da UERJ, para dedicar meu tempo, exclusivamente, à escrita da História que tanto amo. O futuro, porém, é cheio de surpresas e eis-me, aqui,

¹ Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro.

nessa sessão solene, assumindo este honroso cargo, desafiador por excelência, à frente de uma diretoria composta por talentos que o poderiam assumir com muito maior competência do que eu.

É importante mencionar que, se não bastassem os desafios “domésticos”, levantam-se aqueles postos pelo tempo presente, ao qual tenho denominado “tempo de assombramentos” – em diálogo com os “tempos interessantes” de Hobbsbawm. Como ignorar ou naturalizar o irracionalismo, que retorna com imensa força e se desdobra em negacionismos. Como ignorar ou naturalizar o individualismo que massacra a solidariedade. Como ignorar ou naturalizar o consumismo que diminui o ser e engrandece o ter. Como ignorar ou naturalizar o anti-intelectualismo que condena a produção do conhecimento. Como ignorar ou naturalizar o racismo que discrimina e mata. Como ignorar ou naturalizar a morte da dúvida metódica e a e a apologia das certezas. Como ignorar ou naturalizar o feminicídio que revela misérias humanas, enraizado em um patriarcalismo que resiste ao passar do tempo. Como ignorar ou naturalizar a onda autoritária que germina nas frestas apodrecidas da democracia e, acima de tudo, como ignorar ou naturalizar o ódio que grassa por toda parte, tornando atual os versos de Baudelaire: “O ódio é um bêbado vil num canto da taverna! Sempre sentindo mais a sede da bebida./ A se multiplicar, bem como a hidra de Leira”². Por fim, em um cenário mais próximo, como fechar os olhos aos ataques feitos à Ciência, à História, à Memória e à Cultura, que impõem, a espaços como este, o dever da resistência.

Pensei muito em como apresentar a diretoria que hoje assume a gestão e optei por recorrer a Saramago: “Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos. Sem memória, não existimos, sem responsabilidade, talvez, não mereçamos existir”³.

A partir das palavras do autor, é importante dizer que a memória “que nos faz existir” converge para longas carreiras, a maior parte delas construídas no campo da Educação, e por “baús de memória” (título apropriado da tese de uma de minhas orientandas, Syrléa Pereira), destinados a guardar lembranças e experiências da instituição. Essa memória “que nos faz existir” será de extrema importância no nosso caminhar, passível de colocar em diálogo o que sabemos e o que iremos aprender, pois, concordando com o grande educador Paulo Freire: “Todos nós sabemos alguma coisa, todos nós ignoramos alguma coisa, por isso, aprendemos sempre”.

Com relação às responsabilidades que nos fazem ter o direito de existir, elas, certamente, crescerão em número, dimensão e densidade, superdimensiona-

2 BAUDELAIRE, Charles. *O tonel do ódio*.

3 SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote*, São Paulo: Cia das Letras, 2014.

das, ademais, pela obrigação de responder, de forma satisfatória, a todas e a todos que depositaram em nós sua confiança, não apenas através dos votos que garantiram nossa eleição, mas, também, através das mensagens de apoio enviadas pelos meios eletrônicos, que passaram a fazer parte do conteúdo de nossos “baús de memórias”.

Lembrando que a “alegria é a melhor coisa que existe”, como já disse nosso tão carioca poeta Vinicius de Moraes, cabe, por outro lado, dizer da enorme alegria que representa conduzir os destinos de uma instituição voltada para a História, para a Geografia, para a Memória e para o Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro e, mais particularmente, orientada na direção de uma cidade-patrimônio da humanidade, que teima em se mostrar maravilhosa, e, apesar de tantas misérias e mazelas, recupera suas cores a cada amanhecer, explodindo em luz que renova nossas esperanças em um futuro melhor.

Como não ser apaixonada por tantos espaços magníficos, por tantos “lugares de memória” que nos fazem encontrar o passado a cada passo do caminho, principalmente, em “lugares monumentais” que conduzem a muitos saberes e muitas lembranças. Dos cantos e recantos da capital colonial, imperial e republicana à beleza de Parati somos transportados aos palácios e casarões de Petrópolis; às fazendas de café e suas senzalas; às capelas singelas e às igrejas suntuosas; aos fortes e fortalezas, que atestam a necessidade da defesa contra a cobiça de tantos “outros”; às estátuas que eternizam, em bronze ou ferro; figuras referenciais de nossa história. Tudo concorre para que o Rio de Janeiro transborde exuberância.

Merecem lembrança, também, os sambaquis, presentes, aqui e ali em nosso litoral; os muros de antigos aldeamentos e missões; as marcas simbólicas de colônias estrangeiras; os pisos por onde foram arrastados homens privados de sua liberdade; as chaminés de antigas fábricas, que nos obrigam a olhar para o céu; as antigas estações de trem, que encantam por sua simplicidade; bem como outras tantas marcas de tempos idos, que se escondem, tímidas, no meio de arranha-céus, escapando ao olhar do transeunte apressado e despreocupado no olhar. Não esqueçamos, enfim, dos registros em ruínas que, por toda parte, clamam por atenção e proteção.

Chegamos, agora, ao momento dos agradecimentos e, eles, certamente, são muitos, dirigidos não apenas aos confrades e congreiras que depositaram, em cada membro da nova diretoria, sua confiança, mas, pessoal e principalmente, aos que se dispuseram a caminhar comigo nesses próximos dois anos, razão pela qual, passo a falar na primeira pessoa do singular, com o objetivo de agradecer:

– Aos meus familiares, em especial ao meu marido, aqui presente, que tem a paciência necessária para adiar continuamente o desfrutar de uma vida com menos compromissos;

– A Neusa Fernandes, que aceitou meu convite para assumir a vice-presidência e, embora seu desejo fosse o de descansar um pouco das atribuições do dia-a-dia, colocou sua experiência, competência e saber ao dispor da nova diretoria;

– A Olíneo Gomes Paschoal Coelho, que há pouco conheci, mas que, desde meus primeiros momentos nesta Casa, revelou-me, desde logo, seu comprometimento e empenho em dar o melhor de si em prol da instituição.

– A Vera Lúcia Cabana de Queiroz Andrade, amiga e parceira de quase toda minha vida adulta, que reafirma continuamente sua amizade e se dispôs a emprestar seu conhecimento e competência nesse dar as mãos em nova empreitada;

– A Lúcia Helena da Silva, que aceitou meu apelo para permanecer à frente de tesouraria, comovida, quem sabe, pela minha honestidade em dizer que tudo ficaria muito difícil sem sua preciosa colaboração, agradecimento que estendo a Fania Fridman, que se juntou a nós devido ao afastamento de Ana Maria Moura.

Meu “muito obrigada”, ainda, aos membros permanentes e suplentes do Conselho Fiscal: Fernando Tasso Fragoso Pires, Eliana Rezende Furtado de Mendonça, Hildete Pereira de Melo Hermes de Araújo, Roselene de Cássia Coelho Martin, Jaime Antunes da Silva e José de Miranda Neto, bem como das Comissões Especiais de “Admissão e Exclusão de Sócios”; de “História, Geografia e Cartografia” e de “Ciências Auxiliares da História”: Cybelle Moreira de Ipanema, Lucia Maria Paschoal Guimarães, Victorino Coutinho Chermont de Miranda, Arno Wehling, Maria de Lourdes Vianna Lyra, Mary Lucy Murray Del Priore, Miridan Britto Falci, Vera Lucia Botrel Tostes e Ondemar Ferreira Dias Gomes, que estarão trocando conosco sua experiência e saber, em prol do bom andamento dos afazeres que nos cabem.

A mesma gratidão estendo a Nelson de Castro Senra e João Carlos Nara Junior, que, por força das disposições estatutárias, não pertencem à diretoria, mas que marcharão conosco, já que responderam afirmativamente ao convite para permanecer à frente de nossa revista.

Com o compromisso de dar continuidade ao trabalho que até aqui tem sido desenvolvido, a diretoria, enquanto unidade enriquecida pela diversidade, compromete-se a lutar por nossa História, preservar nossa memória e defender nosso patrimônio, divulgando pesquisas de ponta na área de atuação do

Instituto; promovendo cursos, palestras e eventos culturais; institucionalizando meios digitais de comunicação e divulgação; incentivando a inserção dos sócios – quem sabe também daqueles que se mantém afastados – nas atividades e na vida da instituição; propondo ações conjuntas com outras instituições, oportunizando, ainda, renovados momentos felizes de encontro e conagração.

Como um passo a mais é sempre necessário e salutar, temos o projeto de prover, com novos galhos, a árvore que há 63 anos já deu belas flores e frutos. Esses galhos serão orientados na direção das Universidades, Institutos, Academias e Museus sediados no Rio de Janeiro e em outras Unidades da Federação; na direção das agências de fomento e de outras instituições afins e, aprofundando a experiência adquirida nos últimos anos, em direção à sociedade em geral, usando nossa criatividade no sentido de socializar o conhecimento que aqui é produzido e que por aqui circula.

Para terminar, convicta de que expresse o pensamento de toda a diretoria, recorro à beleza poética de Fernando Pessoa, sob o heterônimo de Alberto Caiero, no poema “Eu Sou do Tamanho do que Vejo”:

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não, do tamanho da minha altura...
Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar,
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.

Alberto Caiero. *O Guardador de Rebanhos - Poema VII.*

Através dessa linda forma de dizer, expresse meu desejo e de toda a diretoria de que, com a ajuda de vocês, possamos crescer em tamanho, à medida que ampliamos nossa capacidade de ver.

Muitíssimo obrigada!

